

Apresentação e comentários sobre  
*The Question Concerning Technology in China*,  
de Yuk Hui<sup>1</sup>

Aristides Alonso/ A9-Cyb

1. Sobre o autor.
2. Questão de Toynbee sobre a introdução da tecnologia ocidental na China – Crítica à dominação unilateral do planeta por um modelo tecnológico ocidental norte-americano.
3. A Cosmotécnica – A implantação do modelo ocidental ocultou outras formas de tecnologia – Busca de resposta a Heidegger em *A questão da técnica*.
4. O projeto de Yuk Hui – Prometeu x Shennong – China: tudo se passa entre *Tao* e *Chi* – Primazia do *Chi* sobre o *Tao*.
5. Sinofuturismo – Analisar a possibilidade de futuros tecnológicos.

1. O exemplar do livro que comentarei hoje – *The Question Concerning Technology in China: An Essay in Cosmotechics*, de Yuk Hui (Urbanomic, 2016) – me foi dado por MD Magno antes da pandemia por que passamos atualmente. Disse-me para dar uma olhada. Li e vi que o autor já estava se tornando bastante conhecido, esteve no Brasil e teve outro livro traduzido aqui (*Tecnodiversidade*. Ubu, 2020), este uma coletânea de artigos. Seus interesses estão nas áreas entre filosofia e tecnologia. Ele estudou engenharia informática e filosofia na Universidade de Hong Kong e no Goldsmiths College de

---

<sup>1</sup> Apresentado na seção de 01 maio de *SóPapos 2021*, de MD Magno.

Londres, especializando-se em filosofia da tecnologia. Atualmente, vive e trabalha em Hong Kong. Além de artigos, alguns dos quais publicados regularmente em revistas como *E-flux*, ele tem mais dois livros importantes traduzidos para vários idiomas (sem publicação no Brasil): *On the Existence of Digital Objects* (2016) e *Recursivity and Contingency* (2019). Uma curiosidade é ele ter sido listado entre autores do Tradicionalismo, do populismo e do neo-gnosticismo que Magno mencionou no final dos *SóPapos* do ano passado, mas ele próprio se declara fora desse grupo. Suas questões de algum modo se situariam aí, mesmo ele sendo bem mais sofisticado que os demais, chamados de neo-reacionários, que também apontam certas questões que, nele, se repetem de maneira diversa em relação à modernidade.

A formação internacional de Yuk Hui é bem visível nos autores que o influenciaram. Por um lado, o pós-estruturalismo francês e a filosofia técnica, de Simondon e Stiegler. Por outro, o idealismo alemão e Heidegger – principalmente o Heidegger da *Questão da Técnica* (1953). De certa maneira, o livro que vou apresentar é uma resposta ao que Heidegger trouxe sobre a técnica. Ele também convive com os autores da chamada *virada ontológica* no âmbito da antropologia, como Philippe Descola, Bruno Latour, Tim Ingold e, no Brasil, Eduardo Viveiros de Castro. No mais, ele traz muita informação sobre a China.

2. Farei alguns recortes do que é apresentado no livro. Ele parte de uma questão trazida pelo historiador britânico Arnold Toynbee nas *Reith Lectures*, da BBC: “Por que os chineses e os japoneses rejeitaram os europeus no século XVI, mas aceitaram que eles entrassem em seu país no século XIX?” Sua resposta foi: “No século XVI, o objetivo dos europeus era exportar tanto sua religião quanto sua tecnologia para a Ásia, mas, no século XIX, entenderam que seria mais eficiente exportar a tecnologia sem a cristandade”. Este é o primeiro ponto: a incorporação da tecnologia ocidental principalmente na China.

Ele está particularmente interessado no modo como a China recebeu a tecnologia ocidental e pouco fala do Japão e demais países asiáticos. Ao adotarem uma tecnologia estrangeira, os chineses estariam levemente se sujeitando a uma disponibilidade de colonização, pois não há como adotar uma tecnologia e não aceitar uma série de aspectos que ela promove. Aqui, é útil lembrar o que diz McLuhan sobre algumas tecnologias constituírem não apenas um meio de comunicação, mas também um ambiente de comunicação que altera as transas das pessoas ali envolvidas. O ponto de Yuk Hui diz respeito a pessoas que estão praticamente pulando de uma situação tribal para uma situação cibernética. O salto é enorme. Toynbee diz também que “a tecnologia em si mesma não é neutra, carrega formas particulares de conhecimentos e práticas que se impõem aos usuários,

os quais, por sua vez, se veem obrigados a aceitá-las”. São questões que Yuk Hui traz com grande força. Para nós, elas são bem conhecidas. Para ele, o importante é o entendimento da questão colonialista que vem junto com o processo de disseminação tecnológica.

Outro ponto do autor é que, do final do século XIX para o XX, as tecnologias modernas se espalharam pela superfície da Terra e, ao convergirem, deram corpo a uma *noosfera*, no sentido dado ao termo por Teilhard de Chardin, numa esfera informacional, espiritual, compatível com o que a NovaMente chama de Império d’Oespírito. É a formação de uma secundarização generalizada e amplificada, que constitui uma espécie de desdobramento das produções mais sofisticadas da humanidade do ponto de vista da informação e da comunicação. A noosfera, segundo ele, é uma competição tecnológica que organiza a geopolítica e a história desse momento. A vitória japonesa sobre a Rússia na Guerra Russo-Japonesa (1904-05) levou à lamentação formulada por Oswald Spengler de que o maior erro cometido pelos brancos na virada do século foi ter exportado suas tecnologias para o Oriente – o Japão, de início um aprendiz, agora se tornava professor. E a China agora está entrando na mesma situação.

Ele fala de uma “consciência tecnológica”, que persistiu ao longo do século XX e foi marcada pela bomba atômica, pela exploração espacial, e hoje se manifesta na cibernética e na

inteligência artificial. Este é um ponto que ele critica, pois acha que o caminho que a modernidade tomou – e acabou convergindo para o que se desdobra como cibernética, cibercultura e inteligência artificial – é o que de pior poderia acontecer para a humanidade. A posição dele não é favorável, por exemplo, à posição que está vindo sob o nome de Singularidade (Ray Kurzweil, Peter Diamandis, o vale do silício). Daí eu ter mencionado acima que ele é alocável na turma neo-reacionária da crítica da modernidade. Ele fala disso, inclui René Guénon, Aleksandr Dugin, Evola, etc., que a criticam no sentido da dominação unilateral do planeta por um modelo tecnológico ocidental norte-americano às custas de outras formas de tecnologia que também existem, mas sem vez e sem voz. Seu raciocínio é interessante por bater em possibilidades tecnológicas não computadas como tais ou recalçadas e desperdiçadas como inferiores ou coisa parecida.

**3.** Chego ao conceito de *Cosmotécnica*. Segundo Yuk Hui, estamos testemunhando os últimos momentos da “globalização unilateral”. É uma visão renovada da relação entre tecnologia e cultura. Em geral, pensamos a tecnologia como um fenômeno universal. Neste sentido, fala-se de civilizações ou povos “mais avançados tecnicamente” que outros, e assim se explicou, por exemplo, a “superioridade” dos europeus ao conquistarem o território americano e também em suas incursões político-militares na Ásia durante os séculos XIX e XX. Ele

faz o levantamento de que, nessa implantação do modelo tecnológico ocidental (europeu-norte-americano), outras formas de tecnologia foram ocultadas, destruídas ou não revelaram suas próprias constituições. É fundamental em seu projeto a vontade de recuperar em todo o planeta as mais diversas expressões tecnológicas para que façam sua história e exibam seu modo de existência no sentido de colaborar para a saída do impasse dessa universalização tecnológica. Diz ele, então, que é preciso uma nova linguagem de cosmopolítica para que possamos formular uma ordem mundial que vá além de uma única hegemonia.

Outro problema central para ele – e para vários autores, sobretudo os relacionados à virada ontológica – é a espécie humana se encontrar diante da crise do *Antropoceno*. A Terra e o Cosmos foram transformados em um imenso sistema tecnológico, o que é o ápice da ruptura epistemológica e metodológica da Modernidade. O antropoceno diz respeito à Terra acusar as intervenções humanas mais diversas no clima, no ecossistema e é uma das resultantes do modelo dessa tecnologia unilateral hegemônica que está sendo implantada.

A *Tecnodiversidade* – que é o título de seu livro publicado no Brasil – é outra noção que Yuk Hui desenvolve visando redescobrir uma multiplicidade de cosmotécnicas e reconstruir suas histórias para projetarmos no Antropoceno as possibilidades que nelas estão

adormecidas. A grande influência desse entendimento vem de Heidegger, e seu projeto busca mostrar alguns passos:

(a) a ideia de cosmopolítica como enraizada no conceito de natureza em Kant (e a busca do “universal”) e como aquilo que apoia e dá justificativas ao modelo vigente de universalidade tecnológica. Trata-se de sair dos modelos kantianos de natureza, de universalidade, e do projeto moderno de paz universal para que seja possível pensar com mais realismo e diversidade a situação crítica em que o planeta acabou se metendo.

(b) o “multinaturalismo” proposto pela “virada ontológica” é sair de uma ontologia para outras possibilidades ontológicas, outras expressões e identidades no sentido de também considerá-las expressões humanas possíveis e cabíveis que aí estão à disposição e que, por alguma razão, foram destruídas ou recalcadas pela hegemonia ocidental. É uma virada ontológica na antropologia enquanto uma cosmopolítica diferente, a qual, em contraste com a busca kantiana pelo universal, sugere certo relativismo e é propiciadora de coexistência.

(c) o projeto de considerar o avanço da cosmologia em direção à cosmotécnica como a política por vir, como possibilidade de saída desse impasse (*Tecnodiversidade*, p. 25). Ele até faz o desenho de uma série de tecnologias convergindo para um ponto a partir do qual, para adiante, elas se abrem para outras possibilidades. Neste sentido é que

diz que as outras cosmotécnicas podem colaborar para apresentar soluções para o impasse que a visada hegemônica da Modernidade nos conduziria.

Resumindo os três passos, temos:

(a) Crítica à ideia de natureza em Kant, da qual decorre a ideia de universal. Kant admite uma única natureza que a razão nos impele a reconhecer como racional; a racionalidade corresponde à universalidade teleológica organicista ostensivamente concretizada na constituição tanto da moralidade quanto do Estado.

(b) Contra o universalismo kantiano, ele articula a ideia de “*multinaturalismo*”, trazida recentemente pela antropologia da “virada ontológica”, e propõe a cosmotécnica e a tecnodiversidade. Ele menciona outras possibilidades ontológicas existentes que não a moderna – animismo, totemismo, analogismo... –, que se perderam mais ou menos em função da dominação do modelo naturalista. Este sendo a suposição de existir tanto uma cisão entre natureza e cultura, quanto uma natureza igual para todos.

(c) Defesa de um “pluralismo ontológico”, que só poderá ser concretizado após uma reflexão sobre a questão da tecnologia e da política ligada a ela. Ele propõe ir além da noção de cosmologia e abordar a cosmotécnica definida como “a unificação do cosmos e da moral por meio de atividades técnicas, sejam elas da criação de



produtos ou de obras de arte” (*id.*, p. 39). Não há apenas uma ou duas técnicas, mas muitas cosmotécnicas.

Cito agora um trecho em que ele comenta esses três passos: “[...] Que tipo de moralidade, qual cosmos e a quem ele pertence e como unificar isso tudo variam de uma cultura para outra de acordo com dinâmicas diferentes. Estou convencido de que, a fim de confrontar a crise diante da qual nos encontramos – mais precisamente, o Antropoceno, a intrusão de Gaia, (Latour e Stengers) ou o ‘Entropoceno’ (Stiegler), todas essas noções apresentadas como o futuro inevitável da humanidade –, precisamos rearticular a questão da tecnologia, de modo a vislumbrar a existência de uma bifurcação de futuros tecnológicos sob a concepção de cosmotécnicas diferentes” (*id.*, p. 39).

Sua proposta, como dito no início, é no sentido de dar resposta ao que Heidegger apresenta em seu ensaio *A questão da técnica* (1953): para repensar o projeto de superação da Modernidade, devemos desfazer e refazer as traduções de *techné*, *physis* e *metaphysica* não como conceitos independentes, mas inseridos nos *sistemas* que os empregam. Sabemos de Heidegger que ele propôs a distinção entre a essência da *techné* grega e a *tecnologia moderna* (*modern Technik*). Ele dizia que a questão da técnica não era relativa à técnica, e sim ao próprio Ser: a essência da *techné* é a *poiesis*, ou a produção (*Hervorbringen*), mas a tecnologia moderna descambou para

um aparato de composição (*Gestell*), virou um depositário de possibilidades não apenas relativas à natureza como também ao próprio homem. A *techné*, então, passa a outra modalidade de produção, agora escalonada pelo cálculo, pela possibilidade de ser transformada em tecnologia. Esse modo de considerar a técnica interessa a Yuk Hui por ser parecido com a questão chinesa. Quanto a isto, ele falará de *Tao* e de *Chi*. Retornarei a esses dois conceitos mais adiante.

Cito Yuk Hui, ainda em *Tecnodiversidade*: “Se a essência da *techné* é a *poiesis*, ou produção, então a tecnologia moderna é um produto da modernidade europeia que deixa de possuir a mesma essência da *techné* e se torna um aparato de composição (*Gestell*) no sentido de que todos os seres se tornam disponíveis (*Bestand*) para isso. Heidegger não inclui essas duas essências como técnicas, mas também não dá espaço para outras técnicas – como se houvesse uma única e homogênea *Machenschaft* [maquinação] depois da *techné* grega, uma técnica calculável, internacional e até planetária” (p. 40-41). Sabemos que Heidegger dirá que o fim desse processo baterá na cibernética. Acho mesmo uma grande sacada ele ter falado em fim da metafísica e mencionar a cibernética (que só será melhor entendida quarenta anos depois). É a questão do deslocamento da ideia de *humano*. Eu diria que são pontos bem melhor encaminhados pela NovaMente. Por não terem o conceito de IdioFormação, ficam

deblaterando sobre o humano e a máquina, esta com um sentido quase que negativo, diminuidor, como se a maquinação fosse meramente uma produção de repetição e de destruição do que o humano teria de mais, digamos, essencial. Então, retornando a *The question concerning technology in China*, dirá ele: “Heidegger caracteriza a tecnologia moderna como aquela que transforma a natureza em uma reserva de matérias-primas, em um estoque disponível para ser explorado” (p. 3). Assim, o problema da tecnologia moderna não concerne à Europa ou ao Ocidente, e Yuk Hui está interessado na pergunta: em que medida é possível transplantar esta pergunta para o solo oriental? Como a China responderá a essa questão?

4. Dito isso, o projeto geral de Yuk Hui se monta mediante as seguintes considerações:

(a) o desejo de responder à virada ontológica na antropologia, que pretende tratar do problema da Modernidade com sua proposta de pluralismo ontológico;

(b) o desejo de atualizar o discurso insuficiente largamente associado à crítica de Heidegger à tecnologia; e

(c) a proposta de colocar a questão da técnica como uma variedade da cosmotécnica, e não como *techné* ou tecnologia moderna.

Para tanto, ele, então, põe em xeque a premissa da *universalidade*. O que aconteceria se não existisse somente uma tecnologia, e sim muitas cosmotécnicas? Como se veria afetada nossa percepção da história? Talvez o paradigma ocidental, que afirma que o desenvolvimento tecnológico se apresenta como uma progressão unidirecional acumulativa, seja apenas um dos modos de pensar a tecnologia. Sua pesquisa vai usar a China como laboratório na tentativa de reconstruir uma genealogia do pensamento tecnológico chinês. Mas ela não se limita à China, pois sua ideia central é de que todas as culturas não europeias deveriam sistematizar as próprias cosmotécnicas e as histórias dessas cosmotécnicas.

Ele vai, então, analisar dois mitos fundadores da tecnologia na Grécia e na China: Prometeu e Shennong. Na história de Prometeu, há a descrição da invenção da tecnologia como um conflito violento entre os seres humanos e os poderes da natureza governados por deuses e deusas imortais. A rebelião de Prometeu trouxe uma enorme vantagem ao ser humano sobre as demais espécies que habitavam a terra: a inteligência discursiva. No entanto, isso implicava uma separação radical entre a humanidade e a ordem divino-natural. Em entrevista com Anders Dunker (disponível on-line), diz ele: “Para os gregos, ‘cosmos’ significa um mundo organizado. Ao mesmo tempo, o conceito aponta para o que está além da terra. A moralidade é antes de tudo algo que diz respeito ao reino humano. Cosmotécnica, a meu ver,

é a unificação da ordem moral e da ordem cósmica por meio de atividades técnicas. Se compararmos a Grécia e a China nos tempos antigos, descobriremos que têm uma compreensão muito diferente do cosmos e também concepções muito diferentes de moralidade”.

A referência a Shennong se deve a ele ser o inventor dos aparatos e artefatos técnicos na China. É um mito relacionado a invenções como a da agricultura e de outras tecnologias. Havia lá uma antiga escola de pensamento chamada *Nongjia* (a escola de cultivadores ou agricultores) à qual ele deu um papel central. Seu nome indica que ele era o “Agricultor Divino”, o inventor do arado, da cerâmica, da metalurgia e do tecido. A diferença para com o relato prometeico é que é o próprio Shennong quem ensina sua arte aos povos. Então, segundo Yuk Hui, não parece haver nessa operação conflito entre o divino e o humano. Ele se utiliza bastante desse raciocínio de que, na Grécia, existe uma ruptura para a instalação de uma nova ordem e, na China, há uma transformação em continuidade.

Diferentemente do Ocidente, sobretudo da Grécia para cá, a China não tem especificamente um pensamento, uma teoria sobre tecnologia ou sobre técnica. Isto porque lá tudo se passa entre o *Tao* e *Chi*. No taoísmo e no confucionismo, as duas principais correntes chinesas da antiguidade, *Tao* é a ‘ordem cósmica’, e *Ziran* é costumeiramente traduzida por ‘natureza’, “algo que flui por si mesmo”. São duas noções conceitualmente próximas (*id.*, p. 64). *Chi*

tem muitas traduções, podendo mesmo significar a técnica (aparelhagem, instrumento...), mas é o que está abaixo das coisas. Poderíamos mesmo dizer que é o campo das formações ou mesmo das configurações. Ao passo que o *Tao* é indizível, é o caminho, a via, e sua resultante é o que está acima das coisas. É o que raramente se pode perceber, por exemplo, na fervura do arroz, no vapor que sai e se dissipa, algo etéreo abstrato. Veremos que o caminho funciona na busca do modo de lidar com os instrumentos, com os aparatos, na harmonia entre *Tao* e *Chi*. Diz Yuk Hui: “podemos entender sistematicamente a filosofia chinesa por meio da análise das dinâmicas entre *Chi* e *Tao*” (*id.*, p. 129).

Ele diz mais, que, no pensamento grego, a tecnologia enquanto *poiesis* é algo que produz transformando a natureza. O conceito grego de natureza (*physis*) está ancorado em sua produtividade (pensada como crescimento e desenvolvimento). Assim, a “ideia de que a tecnologia poderia complementar e aperfeiçoar a natureza não poderia ocorrer no pensamento chinês, já que, para este, a tecnologia está sempre subordinada à ordem cosmológica” (*id.*, p. 70). Em dado momento, ele faz uma grande listagem sobre o funcionamento da natureza e o da sociedade: o vento está em tal direção, plantar; em tal outra, julgar os condenados... Havia mesmo uma relação direta da saúde do imperador com o movimento da natureza a seu redor. Portanto, as ferramentas não são pensadas como

algo desapegado, completamente autônomo, e sim como recipientes, *containers*. É assim que *Chi* necessita do *Tao*, e vice-versa. E como *Chi* às vezes se traduz como ‘coisas materiais’, como ‘o que está debaixo da forma’, os utensílios, entendidos como recipientes, requerem então, quase que por definição, algo “além da forma” que funcione como seu conteúdo. Acho mesmo que Heidegger tinha uma intuição chinesa ao falar, por exemplo, do vaso de barro como algo para conter o que está contido, mas é contido por outra coisa que o contém.

Assim, para Yuk Hui, a China não desenvolveu um pensamento específico sobre a técnica ou a tecnologia. O pensamento cosmotécnico chinês consiste em uma longa história de discursos intelectuais sobre a unidade e a relação entre *Chi* e *Tao*. Há momentos de prevalência de um e de outro. Na situação atual, haveria na China uma preferência do *Chi* em relação ao *Tao*.

- MD Magno – *A oposição Chi / Tao deve ser a oposição Confúcio / Lao-Tze. Os dois se combinam na mesma tarefa.*

Em certo momento, principalmente na virada comunista do século passado, tentou-se banir essa relação. Segundo Yuk Hui, ocasionou grande estrago no entendimento que a China teria sobre seu próprio percurso. Ela acabou aderindo a um modelo ocidentalizado.

Continuando, a união do *Chi* e do *Tao* também é a união da moral e do cósmico, já que a metafísica chinesa é, em sua essência,

uma cosmologia moral ou uma metafísica moral, segundo Mou Tsung-San, pensador do *novo confucionismo* (lá também tem isso). A filosofia chinesa reconhece e cultiva a intuição intelectual que Kant associa à apreensão do *númeno*, mesmo que Kant descarte a possibilidade de que seres humanos possam vir a ter esse tipo de intuição. O *númeno* estaria mais do lado do *Tao*, e o *fenômeno*, do lado do Confucionismo. *Tao* não é um objeto, um conceito, uma *différance*, e sim, como dito antes, é apenas tido como “acima das formas”, enquanto *Chi* é o que está “abaixo das formas”.

• MD – *Chamemos o Haver enquanto neutro de Tao e enquanto formações de Chi. Por isso, Heidegger foi a Meister Eckhart, mas parece não ter entendido muito bem.*

No fundo, seu “esquecimento do ser” é isso.

• MD – *É o esquecimento do Haver enquanto homogêneo. Ele chamava de Ser o que chamo de Haver. O Ser, para nós, é o Chi e o Haver é o Tao.*

A denúncia dele é de que só o *Chi* foi sobrando, e o esquecimento do *Tao* faz com que os processos se tornem mecânicos, no mau sentido.

Diz Yuk Hui: “Para nossos propósitos, basta dizer que *Tao* pertence ao *númeno* de acordo com a distinção kantiana, enquanto *Chi* se relaciona ao *fenômeno*. Mas é possível infinitizar o *Chi* de modo a



infinetizar o eu e adentrar o *númeno* – essa é a questão da arte” (*Tecnodiversidade*, p. 43).

• MD – *Não apenas da arte, é a questão da psicanálise. Trata-se de entender o que pode ser um polo com foco e franja no infinito.*

Uma boa aproximação ao conceito de *Cosmotécnica* é o exemplo favorito de Yuk Hui: o caso do açougueiro Pao Ding, ou simplesmente açougueiro ou cozinheiro Ding, tal como é contado no texto de Chuang Tzu. Ele era famoso por sua habilidade excepcional em cortar e desmembrar o boi sem tocar seus ossos e tendões. Quando o imperador lhe pergunta sobre sua técnica, diz: “O que amo é o *Tao*, que é muito mais esplêndido que a técnica” (*The question concerning technology in China*, p. 102). Ele buscava o vazio entre cada parte. A cada vez que topava com alguma resistência, não insistia e procurava o melhor caminho para fazer a passagem. “O segredo da habilidade de Ding não é precisamente sua relação mecânica com as ferramentas, e sim que as ferramentas ali funcionam de acordo com o *Tao*, que flui intuitivamente através da mão do açougueiro. A *razão instrumental*, que poderia se entender casualmente como a lógica que unifica os movimentos individuais com resultados individuais, parece fora de jogo”.

• MD – *Esta é a técnica da psicanálise, a técnica do açougueiro. Bateu numa resistência, cai fora e sai para outro lado.*

Diz Ding que um açougueiro mediano troca de faca com grande frequência; um açougueiro bom, uma vez por ano; já “minha faca foi afiada há dezenove anos e continua com o mesmo fio”. Como não topa com a resistência, tampouco se desgasta. Lacan também conhecia essa narrativa e faz uso dela para falar da resistência. Segundo Yuk Hui, Ding conclui que um bom açougueiro não confia nos objetos técnicos que estão à disposição, já que o *Tao* (o caminho) é mais essencial que o *Chi* (a ferramenta).

5. Yuk Hui terminará seu livro tratando do conceito de *Sinofuturismo*. Qual é o futuro da China em relação a tudo isso? Ela não desenvolveu um pensamento sobre tecnologia, ficou entre o *Tao* e o *Chi*, e a exposição de uma cosmotécnica chinesa se organiza como reconstrução histórica. Ele toma Lao-Tze e Confúcio, considera como cada um ia tratando da questão e destaca que foi após a chamada primeira guerra do ópio (1839-1842) que a tecnologia se tornou mais permeável na Ásia, em particular no Japão e na China. Foi aí que teria havido uma primazia do *Chi* sobre o *Tao*. Qual preço a China pagará a propósito dessa mudança de modelo? Mesmo porque ela é aquela que mais contribui para a piora do quadro descrito pelo Antropoceno.

Yuk Hui diz não ser contra o atual aceleracionismo tecnológico, mas, por haver hegemonia de um único modelo baseado na lógica capitalista, ele resulta em grande estrago para o planeta (clima,

desmatamento...). Outra virada é com relação ao estilo das pesquisas, principalmente em cibernética, que, retomando Heidegger, se posicionam fora do modelo humanista, grego, ontológico ou metafísico. É um fato que a cibernética seja outra modalidade de entendimento – muito mais consentânea com o século XXI, aliás. Há nela a redução de tudo a sistema, a conexão, o que muda a ideia de homem que vigorava até a década de 1940.

Então, para finalizar esta breve apresentação das ideias de Yuk Hui, cito um trecho de *Tecnodiversidade*: “... este não é um projeto de substancialização da tradição, como no caso de Tradicionalistas como René Guénon e Aleksandr Dugin”. Isto é importante para nós que estamos estudando o Tradicionalismo, para o qual a modernidade deu errado e há que voltar lá atrás. Yuk Hui não é dessa turma, quer uma modernidade plural – embora ainda trabalhe com a noção de sujeito e esbarre em noções como inteligência artificial, transumanismo, convergência humano-máquina... Continua ele: “o objetivo aqui não é recusar a tecnologia moderna, mas analisar a possibilidade de futuros tecnológicos diferentes. O Antropoceno é a planetarização das composições (*Gestell*), e a crítica de Heidegger à tecnologia é hoje mais significativa do que nunca. A globalização unilateral que chegou ao fim está dando lugar a uma competição de acelerações tecnológicas e às tentações da guerra, da singularidade tecnológica e dos sonhos (ou delírios) transumanistas. O Antropoceno é um eixo de tempo

global e de sincronização que tem como base essa visão do progresso tecnológico rumo à singularidade. Recolocar a questão da tecnologia é recusar esse futuro tecnológico homogêneo que nos é apresentado como a única opção” (p. 46).

Chega a ser engraçado ler o que Yuk Hui comenta sobre os “sonhos (ou delírios) transumanistas” (p. 46), pois é algo que já está sobre nós com bastante força. O que vejo é a posição dele bem na dinâmica de Quarto Império: com várias ideias progressivas e algumas regressivas como, por exemplo, supor que nada há fora do humano. Esta me parece sua ideia mais pesada. Não se colocam para ele coisas como IdioFormação, como possibilidade de outras IdioFormações que não a de nosso caso...

• MD – *Isso, nele, não é compatível com a ideia de continuidade entre natureza e cultura. Se ele pensou em continuidade, teria que sair do humano. Um pequeno defeito em sua obra.*

O pensamento dele nos ajuda na noção de Diferocracia, na afirmação e reconhecimento de todas as diferenças, mas esbarra numa não consideração do Antropoceno, do planeta Terra e de Gaia sob o vigor de um inarredável princípio entrópico, portanto, em constante mudança. Se tomarmos o que ele traz segundo o Creodo Antrópico, a ideia de pessoas convivendo bem parece coisa de Terceiro Império. E sua ideia de modernidade é apenas *uma* modernidade, não considera o moderno e o pós-moderno como Magno fez em 1995 ao falar em

“Chega de pós”. Magno, aliás, toma naquele momento a dica de Bruno Latour: “jamais fomos modernos” e toma a mostraçãõ da Nova Psicanálise como um projeto “Pró-Moderno”, isto é, na consideração da possibilidade perene de reviramento. A modernidade só se instalaria de fato como tal, como Quarto Império, quando se pudesse reconhecer o Quinto. Além disso, Yuk Hui tampouco considera o moralismo que há em Heidegger ao falar das tecnologias antigas e dar o exemplo do moinho no rio que não estragaria o rio e mesmo se diluiria nele. Já as tecnologias modernas como a de uma represa, uma usina hidroelétrica, não seriam um moinho no rio, e sim o rio no moinho. Haveria aí alto impacto destrutivo no modo como a dita natureza está comparecendo naquele momento.

- MD – *Esta é uma concepção muito bobinha de natureza.*

\* \* \*

O que nos importa nesses autores cujas obras peço que sejam apresentadas aqui em meu *SóPapos* são os elementos que fazem parte de seus pensamentos e dizem respeito à entrada no Quarto Império. Mesmo com algumas dubiedades, Yuk Hui é alguém tentando entrar no Quarto Império e formulando essa entrada de algum modo. Esses que poderíamos chamar de *autores do futuro recente* efetivamente

acabam por mostrar e demonstrar o funcionamento da teoria da NovaMente.

Por exemplo, não foi por mera diferença que a NovaMente eliminou a oposição natureza / cultura (como, aliás, Yuk Hui também faz). Por isso, chamei de *Artifício Espontâneo* e *Artifício Industrial*, os dois sendo da mesma ordem, podendo ser mal ou bem-feitos, dependendo da agilidade do *Chi* e da referência ao *Tao*. E, sobretudo, a NovaMente eliminou o Sujeito, que é um cacoete francês e ocidental. E também eliminou da ideia genérica de humano, que passa a ser de IdioFormação – o humano é um caso e, portanto, está incluído na ordem dos Artíficos Industrial e Espontâneo. O que interessa é entender que, com a NovaMente, estamos numa posição de experiência futurista. Estamos tentando olhar para a frente e não podemos compactuar com posições de regresso. O regresso é pura neura.

- AA – *A ideia de IdioFormação é evidência de que o que aconteceu com as tecnologias foi elas irem ganhando poder. O passado não significa ter sido mais “bonzinho”, e sim que tinha menos poder.*

A *postura* de entendimento faz enorme diferença. Antigamente, a natureza era oposta à cultura. Quando algum autor como Lévi-Strauss queria estabelecer alguma conexão entre uma e outra, procurava um lugar de passagem mediante a bobagem – hoje podemos

chamar assim – da interdição do incesto. Não há oposição ou tampouco ponto de passagem, o *Artifício* é o mesmo. Conseguem-se manejar o Artifício Espontâneo porque o Artifício Industrial é compatível com ele. Vejam que foi preciso chegar ao Quarto Império para pensar isso, que é algo simples. Porque era difícil movimentar os processos do Artifício Espontâneo pensaram ser oposição, mas não é. É igual ao açougueiro mencionado por Yuk Hui: se não achar o lugar de conexão, não há como fazer a passagem. A ciência vive procurando lugares de passagem para introduzir possibilidades tecnológicas. Nosso interesse é, portanto, o de entender o que é a Teoria das Formações (que é o que Yuk Hui está tentando fazer): considerar a multiplicidade de formações e encarar cada formação como formação. Ela não pertence necessariamente a campo algum de investigação que determine sua natureza como queria a modernidade. A própria psicanálise, apesar da genialidade de Freud e de Lacan, esteve aprisionada lá. Até o final do lacanismo, ela está aprisionada nessa perspectiva à procura de grandes formações determinantes da ordem das formações, com conceitos de tentativa de totalidade: Édipo, sujeito... Não é o nosso caso.

- AA – *O que você está dizendo não é incompatível com as ideias de Tao e Chi. O raciocínio de Yuk Hui sobre Prometeu e Shennong é o de mostrar que a ideia de aperfeiçoamento da natureza*

*é simplesmente o reviramento exigido pela postura catóptrica da mente.*

E do Haver. Por isso, fiz questão de inserir o psiquismo no campo do Haver. Não há oposição entre *physis* e *logos*.

• AA – *O que Spengler falava sobre a Decadência do Ocidente dizia respeito a tecnologias fáusticas e prometeicas, e redundava na distinção moralizante entre tecnologias do bem e do mal.*

A questão não é moral, e sim de interesse nosso de momento: como, quando, onde e para quê.

• P – *Quanto ao lacanismo, parece que o corpo, a natureza, foi eliminado e buscou-se cuidar apenas da cultura, do campo da linguagem, do simbólico.*

É claro que Lacan tentou enfiar o corpo na fêmea, na mística. Podemos escutar “um corpo” no título em francês de seu seminário *Encore*, mas o corpo aí passa pelo corpo de Santa Teresa e não tem atividade Primária. Tem os chiliques dela. Por isso, ao fazer a versão brasileira do seminário, tirei o corpo fora e coloquei *Mais, Ainda*. O que nos interessa é que Freud considerava o Primário. Ele sempre lembrava da importância das injunções do Primário. Não há Primário em Lacan. É como se a psicanálise fosse algo estranho à chamada natureza. O que a NovaMente reintroduz é que não há descontinuidade. *Quod est inferius est sicut quod est superius* – são a



mesma coisa: assim na terra como no céu. Ou seja, o Revirão é o Haver e está replicado aqui.

• P – *Portanto, desfaz-se a questão de saber se a psicanálise é uma ciência humana ou uma ciência natural.*

Não interessa mais essa fronteira, pois todas as ciências são do Haver. E a multiplicidade de que os autores chineses falam é o que podemos abordar mediante o conceito de Teoria das Formações. Trata-se de considerar as formações aqui e agora – tal qual faz o açougueiro Ding. Isto, mesmo do ponto de vista teórico: saber onde *não* cortar. Notem que ele não corta, passa a faca sem cortar, vai separando, distinguindo as formações. Por isso, o fio de sua faca dura. Ele conversa com o boi na língua do boi. Se for falar a *sua* língua, o boi não entenderá. Vejam que é muito simples, o difícil para o analista é aprender a língua do analisando. Às vezes, esbarramos por não termos ainda aprendido sua língua para poder falar direito.

• AA – *Na tradição chinesa, trata-se, no cotidiano, de fazer da melhor maneira possível o que quer que se esteja fazendo.*

Eles são duchampianos: faz-se obra de arte com qualquer coisa. Museu e galeria são mercado, nada têm a ver com a obra. Ou esse açougueiro não era um refinadíssimo artista?

• P – *O que está em jogo aí, então, é respeitar o Tao.*

E o *Chi*, que é o trabalho de executar o respeito e a atenção absolutos ao material e à produção, aqui e agora. Não é a psicologia

de aplicar imediatamente conhecimentos sobre o outro. É claro que os conhecimentos proliferam quando vemos que há repetição. Mas é preciso ir na tentativa de falar dentro daquela formação, de conseguir abordar a formação enquanto tal. É difícil, mas é possível.

• AA – *Daí Yuk Hui se perguntar como seria uma cosmotécnica maia, inca...*

Eles fizeram coisas incríveis, difíceis de entender como conseguiram.

• AA – *Em outro momento, ele mostra como toda cultura derivada da Grécia ficou marcada pela geometria até Einstein.*

Pela geometria euclidiana.

• AA – *E a China praticamente desconheceu a geometria, mas tinha grande operação de álgebra.*

Por falar nisso, o que foi o Renascimento? O retorno da geometria euclidiana. E o nome disso é: denegação do Inconsciente. Daí eu ter dito de outra vez que o Classicismo era a denegação do Inconsciente. Tentativa apenas, pois não consegue. O artista faz toda a regragem e, de repente, desmunheca. Isto está até no *Tratado da Pintura*, de Leonardo: a diferença entre a organização geométrica e a sensibilidade da pintura. E o que comparece diante dessa denegação? A rebeldia dos maneiristas, que dizem que não se vai encobrir o Inconsciente, pois ele é doido. Uma coisa que até permitiu que fizessem a zorra que fizeram foi a Reforma que afrouxou as

exigências. Depois, a Igreja Católica produz a Contra-Reforma e o Barroco, que, este, é o Maneirismo de Estado. Tem certa condescendência com os estilos pessoais, mas dentro da regragem barroca. São as três formações possíveis: ou se denega o Inconsciente; ou se o aceita; ou se tenta domá-lo. O Maneirismo é inteiramente compatível com a psicanálise. O Classicismo e o Barroco não são.

- Nelma Medeiros – *Quanto ao que Aristides trouxe sobre Yuk Hui, cujo texto não li, lembro que um dos autores que Magno cita desde os anos 1970 é André Leroi-Gouhran, que estudava a Técnica por dentro da antropologia. É curioso que ele, primeiro, tenha estudado a China (junto com Marcel Granet no Instituto de Línguas Orientais de Paris).*

Tenho em minha biblioteca um livro de Leroi-Gourahn muito bonito, bastante ilustrado, sobre a China. Ao escrever sobre a Técnica, considerou cada objeto em sua perspectiva própria. E ele não estava no Quarto Império, estava no meio do Terceiro...

- NM – *Estava no meio dos estruturalistas.*

E não se tornou um.

- AA – *Yuk Hui menciona Leroi-Gourhan de passagem. Aproveito para acrescentar que o projeto dele é de descolonização, na linhagem da tendência decolonial. É a afirmação das diferenças por elas mesmas, e não nomeadas por outros.*

O Brasil até hoje é colônia. Sobretudo, em termos de psicanálise. Há muita gente escrevendo por aí, mas não vemos pensamento algum nascido aqui que falasse a língua geral. Não falamos apenas português, falamos a língua geral, com palavrão e tudo. Aliás, porque há Revirão, tomamos o xingamento e o colocamos como nome de algo grande, como fizeram com nomes de estilos artísticos: impressionismo, cubismo...

- P – *Teoria queer também...*

Sim.

- AA – *Retomo o que você disse sobre a modernidade em 1995, na seção ‘Chega de Pós’ (Arte e psicanálise: Estética e Clínica Geral. Rio de Janeiro: NovaMente, p. 101): “Eu diria que o Quinto Império é o momento do projeto MANEIRO. Isto está embutido na cultura, através de várias manifestações, e até mostra um pouco as caras num certo Maneirismo do século XV. Digamos, então, que fizéssemos uma recomposição – como os historiadores gostam de fazer – da série das eras como: o Antigo, o Medieval, o Moderno, e o Maneiro. Seria uma boa ideia”. Eu diria que há vários pontos de ordem progressiva em Yuk Hui, mas ele ainda está apoiado em uma filosofia meio antiga. Sobretudo, quanto a suas noções de gente, de humano, de mente, de criação, de arte, de rebelião...*

A informação dele está um pouco velha. Felizmente, ele também tomou algumas ideias para a frente. Efetivamente, já estão se

espalhando pelo mundo técnicas de comportamento que são *ad hoc*, que certamente passarão para as tecnologias atuais. Têm que passar para possibilitar que se façam intervenções no Primário no sentido de aprimorá-lo. O que se quer, como sempre, é invadir o Primário.

• Patrícia Netto Coelho – *A própria ideia de diversidade, tal como Yuk Hui pensa, é colocada a partir de referências ingênuas, pois é aquela que se apresenta sob formas culturais. Uma leitura mais sintomal, como chamamos, talvez caracterizasse melhor a China. François Jullien, ao fazer o contraponto entre os modos ocidental e oriental, é mais próximo dessa leitura sintomal, é menos preso a uma versão cultural, ou mesmo histórica. Há lá um sintoma que não cede à simples importação de uma tecnologia.*

Jullien é um exemplo claro dessa leitura sintomal.

• PNC – *E mais, para nós a tecnologia diz respeito a um processo de superação de recalque. Assim, não importa se é preservador, conservador de natureza. Nesse sentido, a crítica dos aceleracionistas pode ser mais interessante. Para eles, a tecnologia está em dívida, está muito aquém de providenciar as suspensões de recalque de que precisamos. Isso talvez seja o mais fundamental para além de ser China, Ocidente, decolonial...*

Temos sempre que ter em mente que a dissolução relativa ao Quarto Império já começou.